

‘Adaptação Climática’ na opinião pública

Resultados de pesquisa quantitativa

25-101247 – PA Adaptações Climáticas
janeiro 2026
Versão: 02



RESUMO DO PROJETO DE PESQUISA QUANTITATIVO	
Nome do Cliente	Instituto Talanoa
Objetivos de Pesquisa	Entender Percepções e Perfil de Cidadãos na temática das Adaptações Climáticas
Público Alvo	Homens e mulheres; 18+ anos; Pertencentes às classes sociais ABC (Critério Brasil); Nacional representativa
Datas de Campo	Dezembro 2025
Tamanho de Amostra	1.000 entrevistas
Método de Amostragem / Seleção dos Entrevistados	Amostra por cotas
Método de Coleta de Dados	CAWI (Painel Online Ipsos – Ipsos Digital)
Índice de resposta e confiabilidade dos resultados, incluindo estimativas de variância amostral e de erro não-amostral (Somente para amostras probabilísticas)	NA
Tipo de incentivos	Incentivos Painel Online Ipsos
Procedimentos de ponderação, estimação e imputação	Ponderação utilizando dados oficiais do IBGE/PNAD.
Subgrupos de Análise	Demográficos (Homens/ Mulheres; Grupos Geracionais; Macrorregiões brasileiras; Classe)
Análises Secundárias	
Anexos	NA
Nota: Ipsos Brasil declara que a pesquisa foi realizada em conformidade com a norma ISO 20252:2019.	

Índice

Metodologia e Objetivos

- 01 Contexto: Opinião Pública
- 02 Impactos percebidos e relação com a vida real
- 03 Prioridades e justiça climática
- 04 Responsabilidade, governança e confiança
- 05 Soluções e apoio a políticas públicas
- 06 Barreiras, mensagens e engajamento

Conclusões e Recomendações

Detalhes Sobre o Campo



Período do campo:
19/12/2025 a 29/12/2025

1.000

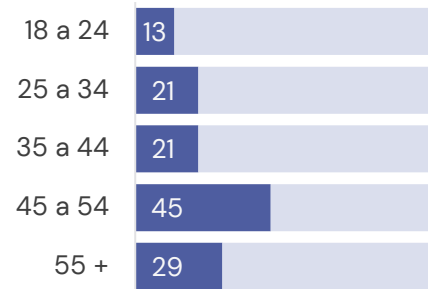
entrevistas Painel Online
Nacional Representativa

Sexo (%)

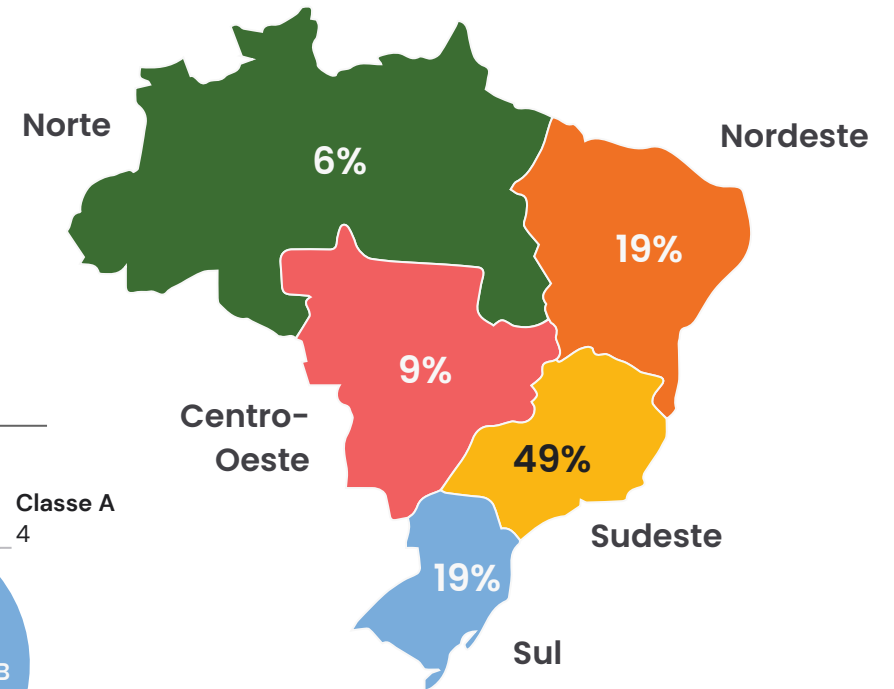
48% homens

52% mulheres

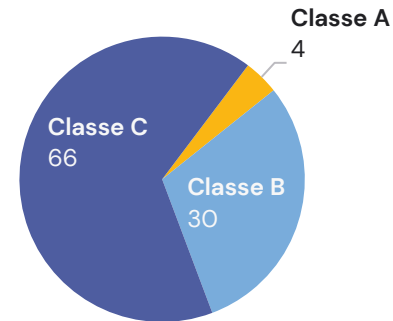
Faixa etária (%)



Região (%)



Classe (%)



Contexto: como a sociedade percebe o tema?

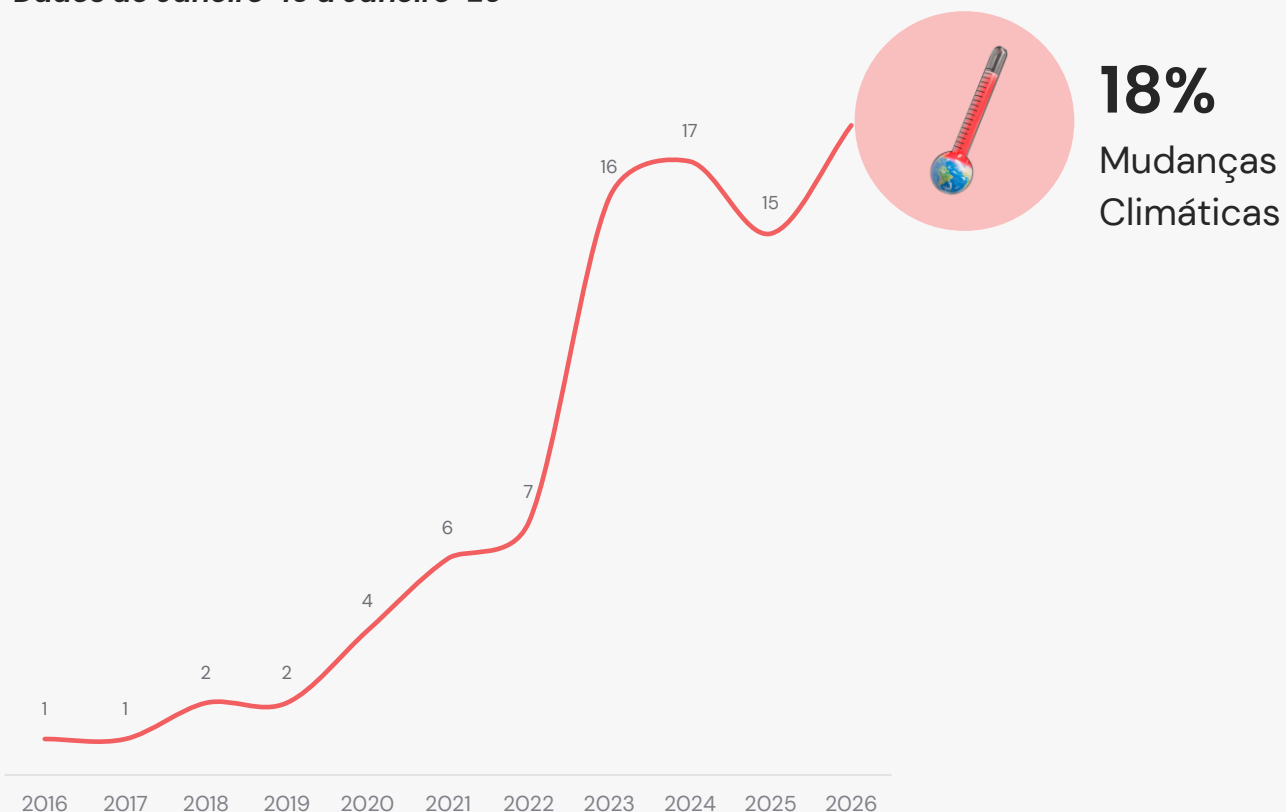
O que os brasileiros das classes A, B e C sabem sobre o termo “Adaptação Climática”?



Evolução das preocupações ambientais na opinião pública

% que citam o tema 'Mudanças Climáticas' como uma das principais preocupações

Dados de Janeiro-16 a Janeiro-26



Da periferia ao centro da agenda pública: a escalada das preocupações ambientais

Em janeiro de 2026, Mudanças Climáticas atinge seu pico histórico na série para o mês de janeiro, consolidando uma trajetória de crescimento acelerado ao longo da última década. Embora o tema ainda não figure entre as principais preocupações da população brasileira das classes A, B e C, o avanço observado é expressivo e contínuo, especialmente a partir de 2022, indicando uma mudança estrutural na forma como os riscos ambientais são percebidos.

O dado sugere que as mudanças climáticas deixam de ser um tema periférico e passam a ocupar posição cada vez mais central na agenda pública, impulsionadas por eventos extremos, maior visibilidade midiática e percepção de impactos concretos no cotidiano.

Baixa compreensão qualificada

Embora o tema esteja claramente no radar da população, com 8 em cada 10 indicando já terem ouvido falar sobre ele, os dados sugerem que esse reconhecimento é, em grande medida, superficial. Trata-se de um resultado esperado: quando um assunto passa a ganhar visibilidade no debate público, a compreensão qualificada tende a se desenvolver de forma mais lenta e permanece restrita no curto prazo.

81%

já ouviram falar no termo
"Adaptações Climáticas"

mas
apenas 13%

conhecem o termo
"muito bem"

Base entrevistas: 1.000

A02. O quanto você se considera familiarizado(a) com o tema da adaptação climática? [SA]

Percepção sobre definição do termo ‘Adaptação Climática’

% respostas estimuladas

☆ = Destaques sociodemográficos estatisticamente relevantes a 95%



Adaptação climática já é em grande parte compreendida como resposta prática a impactos em curso, mas ainda há confusão conceitual relevante

A maioria associa corretamente adaptação climática à redução de danos diante de um clima que já está mudando, refletindo alinhamento ao conceito técnico. Esse entendimento é mais forte entre pessoas com ensino superior, enquanto grupos com menor escolaridade tendem a confundir adaptação com ações de mitigação.

A4. Qual dessas descrições melhor define “adaptação climática”? [SA]Bases: Total – 1.000

Clareza importa: o público entende adaptação quando o conceito é explicado, não quando é rotulado

O entendimento depende fortemente da forma como o tema é nomeado. Expressões explicativas, como “adaptação às mudanças do clima”, são muito mais claras do que termos técnicos consolidados no debate especializado.

O desafio não é apenas conceitual, mas comunicacional: traduzir a adaptação como resposta concreta a impactos já percebidos.

43 %

Adaptação às mudanças do clima

21 %

Preparação para eventos climáticos extremos

18 %

Preparação das cidades e do campo para o clima de hoje e do futuro

11 %

Adaptação Climática

3 %

Resiliência climática

3 %

Nenhuma dessas / Não sei

Capítulo 2

Crenças sobre Mudanças Climáticas & Impactos Percebidos

Concordância com frases sobre mudanças climáticas

% de respostas T2B (Concorda totalmente + Concorda em partes)

Ainda há tempo **72%**

Agir agora para se adaptar às mudanças climáticas ainda vale a pena, mesmo que elas não sejam totalmente evitadas no futuro.

Não é prioritário **31%**

A adaptação às mudanças climáticas pode esperar; há problemas mais urgentes para o poder público resolver.

☆ 42%
Região Norte

Tech nos salvará **29%**

Mesmo que o clima esteja mudando, acredito que a tecnologia dará conta dos impactos sem necessidade de grandes mudanças agora.

☆ 44%
Região Norte

Negacionismo **27%**

Não acredito na urgência da mudança climática, isso é um fenômeno natural da Terra

☆ 38%
Região Norte

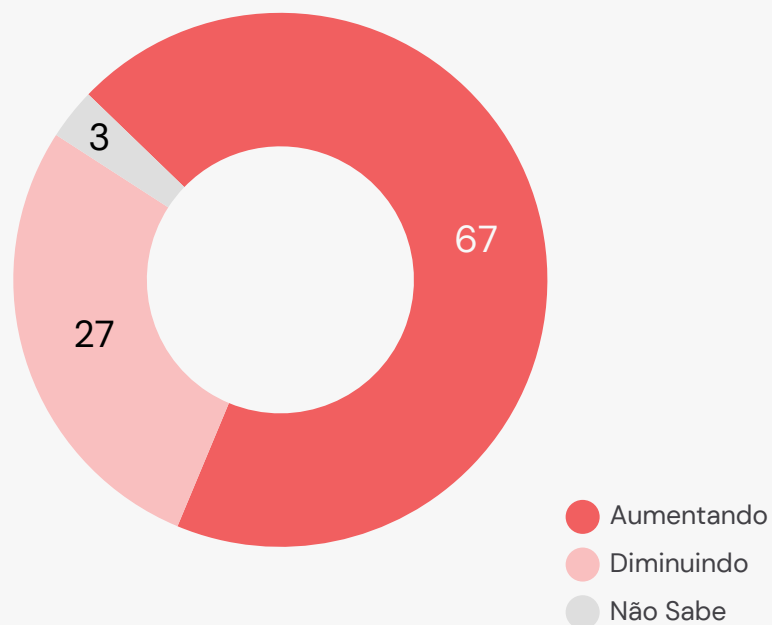
Predomina a percepção de que ainda há tempo para agir, mas sem senso compartilhado de urgência.

A ampla concordância de que ainda vale a pena agir (72%) contrasta com a presença relevante de discursos que relativizam a urgência, seja por adiamento da adaptação (31%) ou pela confiança excessiva na tecnologia (29%). O cenário indica um apoio difuso à ação climática, porém fragilizado por percepções que diluem responsabilidade e enfraquecem o senso de prioridade imediata.

G2. O quanto você diria que concorda com as seguintes afirmações? | Base total: 1.000 entrevistas

Percepção de Evolução da Frequência de Eventos Climáticos Extremos

% de respostas



Predomina a percepção de que eventos climáticos extremos estão se tornando mais frequentes

Dois terços da população avaliam que a frequência de eventos climáticos extremos está aumentando em sua região, indicando uma leitura consolidada de intensificação do risco. A percepção de diminuição é minoritária, e o desconhecimento é residual. O dado sugere que a mudança no padrão dos eventos já é amplamente reconhecida no cotidiano, independentemente do tipo de impacto vivenciado.

B6. Na sua percepção, a frequência de eventos climáticos extremos na sua região está: [SA]
| Base total: 1.000

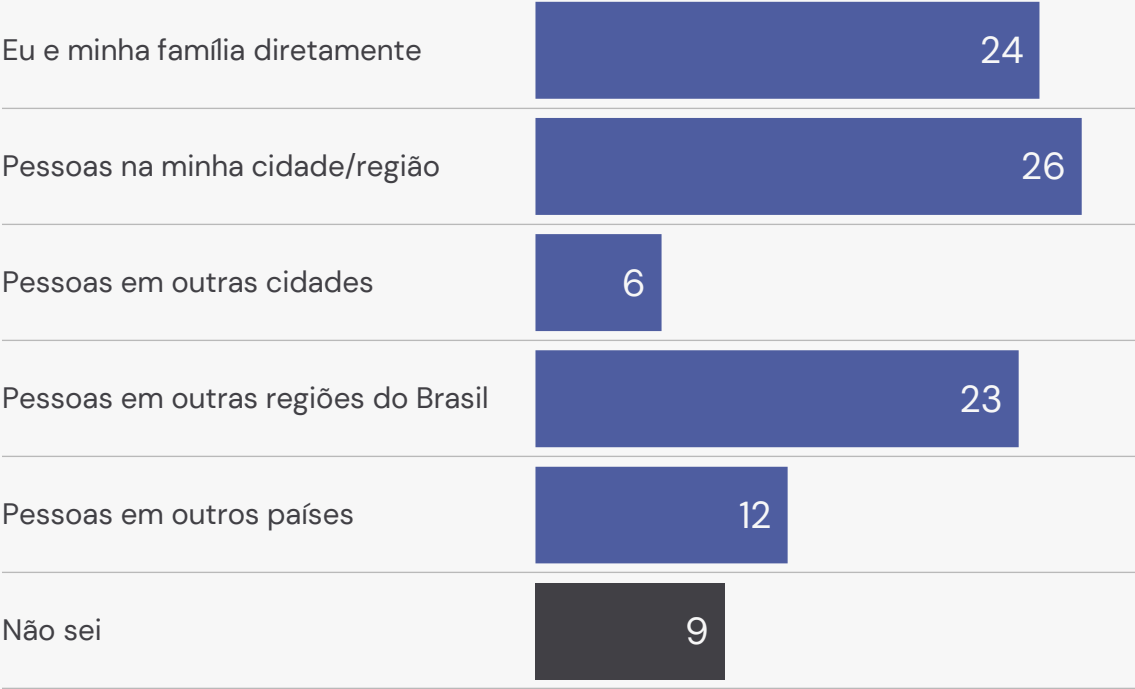
Os impactos climáticos já são percebidos como próximos, sobretudo no território

A percepção dos impactos das mudanças climáticas se concentra na cidade, região e país, mais do que na experiência individual direta. Embora uma parcela relevante já identifique efeitos sobre si e sua família, o impacto é majoritariamente visto como coletivo. Isso reforça a adaptação como uma agenda territorial e comunitária, e não apenas individual.

Mais
Próximo

Mais
Distante

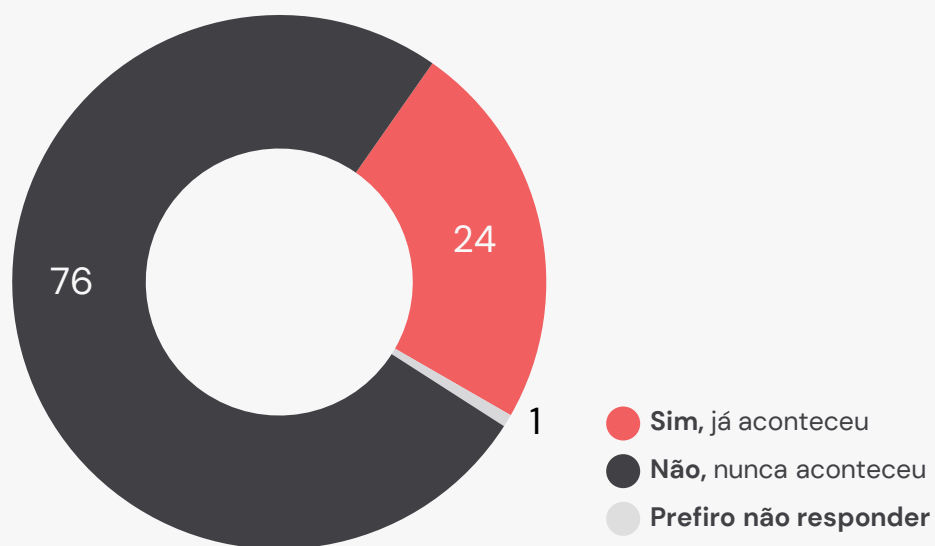
Percepção de proximidade de impacto das Mudanças Climáticas
% respostas estimuladas



B1. Para você, os impactos das mudanças climáticas são algo que afeta mais... [SA] | Base total: 1.000 entrevistas

Relato de saída temporária de casa por eventos climáticos

% de respostas



Um em cada quatro brasileiros das classes A, B, e C relata que já foi diretamente deslocado por eventos climáticos temporariamente.

A vivência concreta dos impactos climáticos deixa de ser apenas territorial e passa a atingir diretamente a população. Um quarto dos entrevistados relata já ter precisado sair temporariamente de casa por eventos extremos, evidenciando que o risco climático não é abstrato nem futuro.

B2. Alguma vez você ou sua família precisaram sair de casa temporariamente por causa de evento climático (ex.: enchente, deslizamento, fumaça/incêndio, calor extremo)? [SA] | Base total: 1.000 entrevistas

Relato de experiência de impacto por eventos climáticos

% de respostas múltiplas

 48 % Onda de calor (calor extremo por vários dias)	 42 % Falta de fornecimento de energia elétrica / apagão	 35 % Tempestade forte / ventania / granizo
 26 % Falta de água / escassez hídrica	 23 % Doenças transmitidas por mosquitos (ex.: dengue)	 21 % Enchente ou alagamento
 15 % Fumaça ou incêndios florestais/queimadas	 15 % Frio intenso incomum	 6 % Deslizamento ou queda de barreira

Calor extremo e falhas em serviços essenciais concentram as experiências recentes de impacto climático

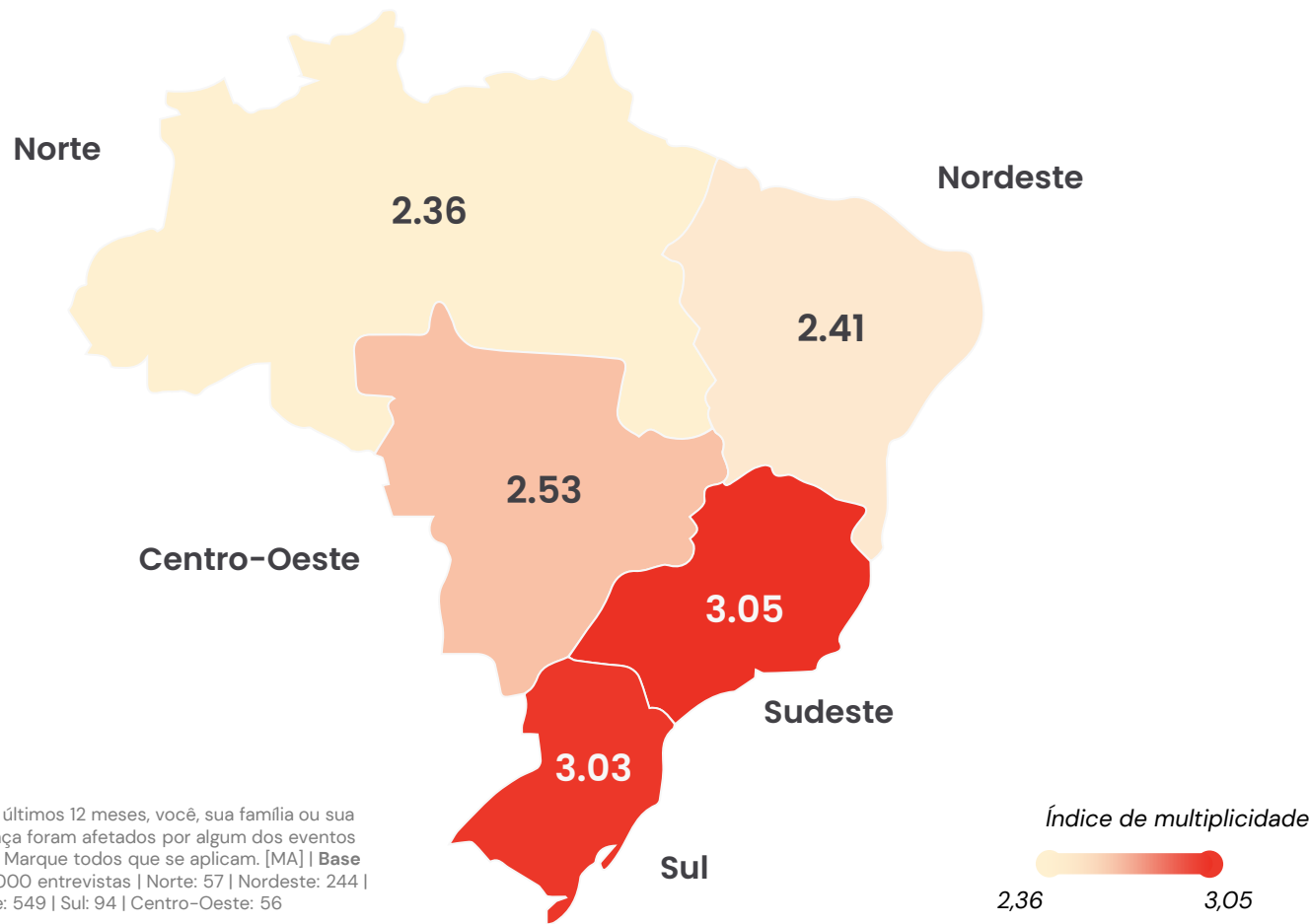
As experiências relatadas nos últimos 12 meses são dominadas por ondas de calor e interrupções no fornecimento de energia, indicando que os impactos mais frequentes afetam o cotidiano e a infraestrutura básica. Eventos agudos, como tempestades, enchentes e escassez hídrica, também aparecem de forma relevante, reforçando a diversidade de riscos percebidos. Os impactos se materializam menos como eventos excepcionais e mais como perturbações recorrentes da vida urbana e regional.

B3. Nos últimos 12 meses, você, sua família ou sua vizinhança foram afetados por algum dos eventos abaixo? Marque todos que se aplicam. [MA] | Base total: 1.000 entrevistas

Diversidade de eventos climáticos percebidos por macrorregião

Número médio de *tipos distintos* de eventos climáticos assinalados por respondente

Cores mais escuras indicam maior diversidade de tipos de eventos percebidos.



B3. Nos últimos 12 meses, você, sua família ou sua vizinhança foram afetados por algum dos eventos abaixo? Marque todos que se aplicam. [MA] | Base total: 1.000 entrevistas | Norte: 57 | Nordeste: 244 | Sudeste: 549 | Sul: 94 | Centro-Oeste: 56

Risco climático se torna mais complexo no Sul e Sudeste, enquanto Norte e Nordeste concentram ameaças específicas

A multiplicidade de eventos climáticos percebidos é maior no Sul e Sudeste, indicando uma experiência de risco mais complexa e acumulativa nessas regiões. Norte e Nordeste apresentam índices mais baixos, associados a uma percepção mais focalizada em tipos específicos de eventos, e não à ausência de impacto. O dado reforça que o risco climático no Brasil se distribui de forma heterogênea, exigindo leituras e respostas regionais diferenciadas.

Eventos com incidência acima da média nacional

% de respondentes que assinalam cada evento, por macrorregião

Norte

🔥 **28%** vs. Brasil: 15%

Fumaça ou incêndios
florestais/queimadas

Nordeste

🦟 **28%** vs. Brasil: 23%

Doenças transmitidas por
mosquitos (ex. dengue)

*Obs.: Não há destaques
estatisticamente
significativos para o Centro-
Oeste*

Sul

⚡ **56%** vs. Brasil: 35%
Tempestade forte

🌊 **31%** vs. Brasil: 21%
Enchente ou alagamento

❄️ **24%** vs. Brasil: 15%
Frio intenso incomum

Sudeste

⚡ **47%** vs. Brasil: 42%
Falta de energia elétrica

⚡ **42%** vs. Brasil: 35%
Tempestade forte

💧 **30%** vs. Brasil: 26%
Falta de água / escassez hídrica

❄️ **17%** vs. Brasil: 15%
Frio intenso incomum

B3. Nos últimos 12 meses, você, sua família ou sua vizinhança foram afetados por algum dos eventos abaixo? Marque todos que se aplicam. [MA] |

Base total: 1.000 entrevistas | Norte: 57 | Nordeste: 244 | Sudeste: 549 | Sul: 94 | Centro-Oeste: 56

A percepção do risco climático se organiza por eventos predominantes em cada região

Eventos acima da média nacional variam de forma clara entre as macrorregiões, indicando que o risco é percebido mais pela natureza dos impactos do que por sua frequência isolada. No Sul e Sudeste, destacam-se tempestades, enchentes, frio intenso e falhas no fornecimento de energia, compondo um quadro mais multifacetado.

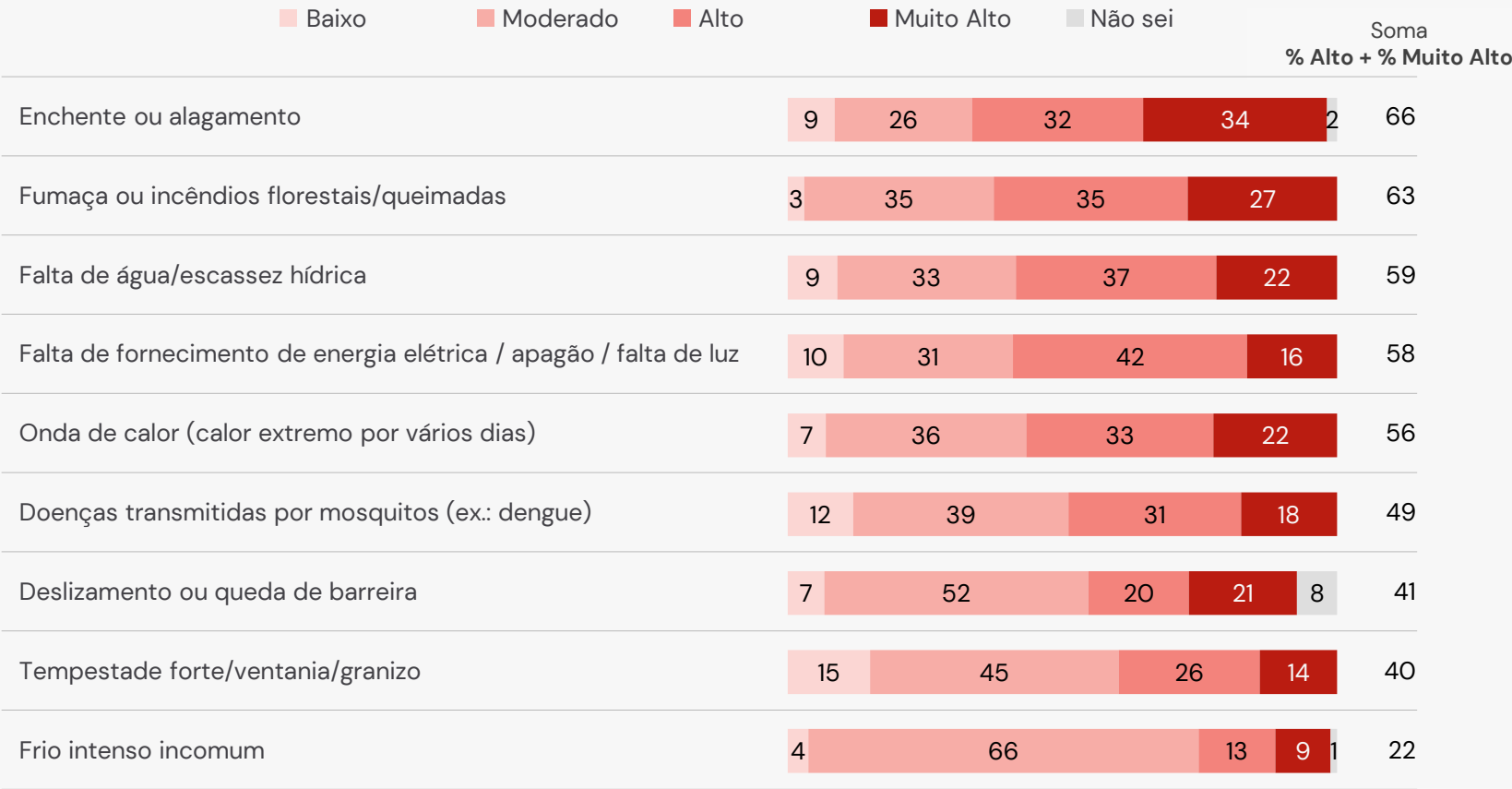
Já no Norte e Nordeste, a percepção se concentra em eventos específicos e recorrentes, como queimadas e doenças transmitidas por vetores, enquanto o Centro-Oeste não apresenta desvios estatisticamente relevantes da média nacional.

Eventos menos frequentes concentram maior severidade percebida do que impactos recorrentes

Enchentes e queimadas se destacam como os eventos com maior percepção de severidade alta ou muito alta, apesar de não serem os mais recorrentes no cotidiano da população. Em contraste, ondas de calor e falhas no fornecimento de energia (amplamente vivenciadas) tendem a ser percebidas como menos severas, ainda que persistentes. O dado sugere que a gravidade percebida está mais associada ao potencial de ruptura e dano imediato do que à frequência do evento em si.

Grau de severidade percebida do evento climático mais impactante

% de respostas em escala, por evento climático. Ordenado por Soma de % Alto + % Muito Alto



B4. Pensando no evento mais impactante que você marcou na questão anterior, qual foi a gravidade para seu dia a dia? [SA] | Base 'assinou ao menos um evento na B3': 831

Dimensões da vida mais afetadas pelo evento climático mais impactante

% de respostas múltiplas, até 3 impactos)

 40 % Saúde (minha ou de alguém da família)	 37 % Alimentação / água / mercado
 37 % Conta de luz / água ou gastos em casa	 29 % Moradia / estrutura da casa
 25 % Mobilidade / transporte	 23 % Trabalho / renda / negócios
 19 % Lazer / convivência	 8 % Escola / creche

Eventos climáticos impactam múltiplas dimensões da vida cotidiana, com efeitos que vão além do dano imediato

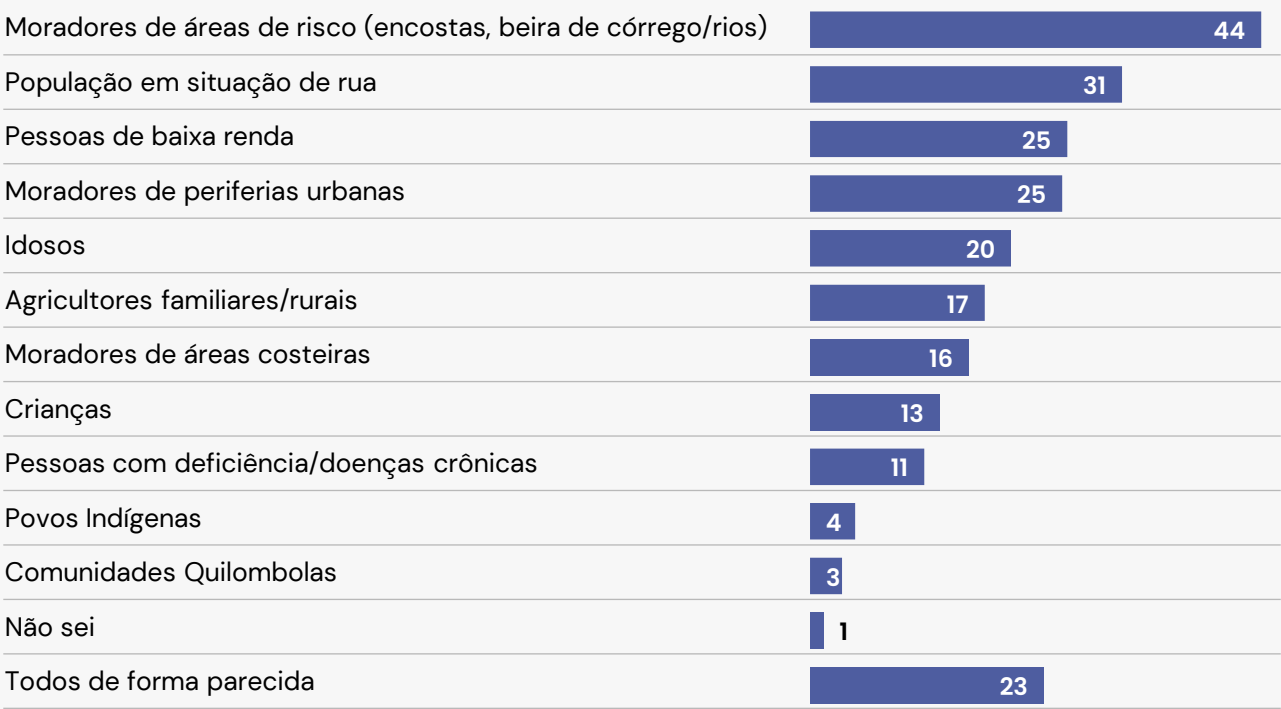
Os eventos mais impactantes afetam principalmente saúde, alimentação/água e gastos domésticos, indicando efeitos imediatos sobre o bem-estar e o orçamento familiar. Dimensões como moradia, mobilidade e trabalho aparecem em um segundo nível, revelando desdobramentos que extrapolam o momento do evento. O dado sugere que o impacto climático é percebido como um choque sistêmico, com efeitos encadeados sobre diferentes esferas da vida diária.

B5. Em quais aspectos esse(s) evento(s) mais afetou(aram) a sua vida? Marque até 3 opções. [MA. MAX 3 RESPONSES] || Base assinalou ao menos um evento na B3: 831

Prioridades e justiça climática

Percepção de Principais Impactados por Eventos Climáticos Extremos

% de respostas



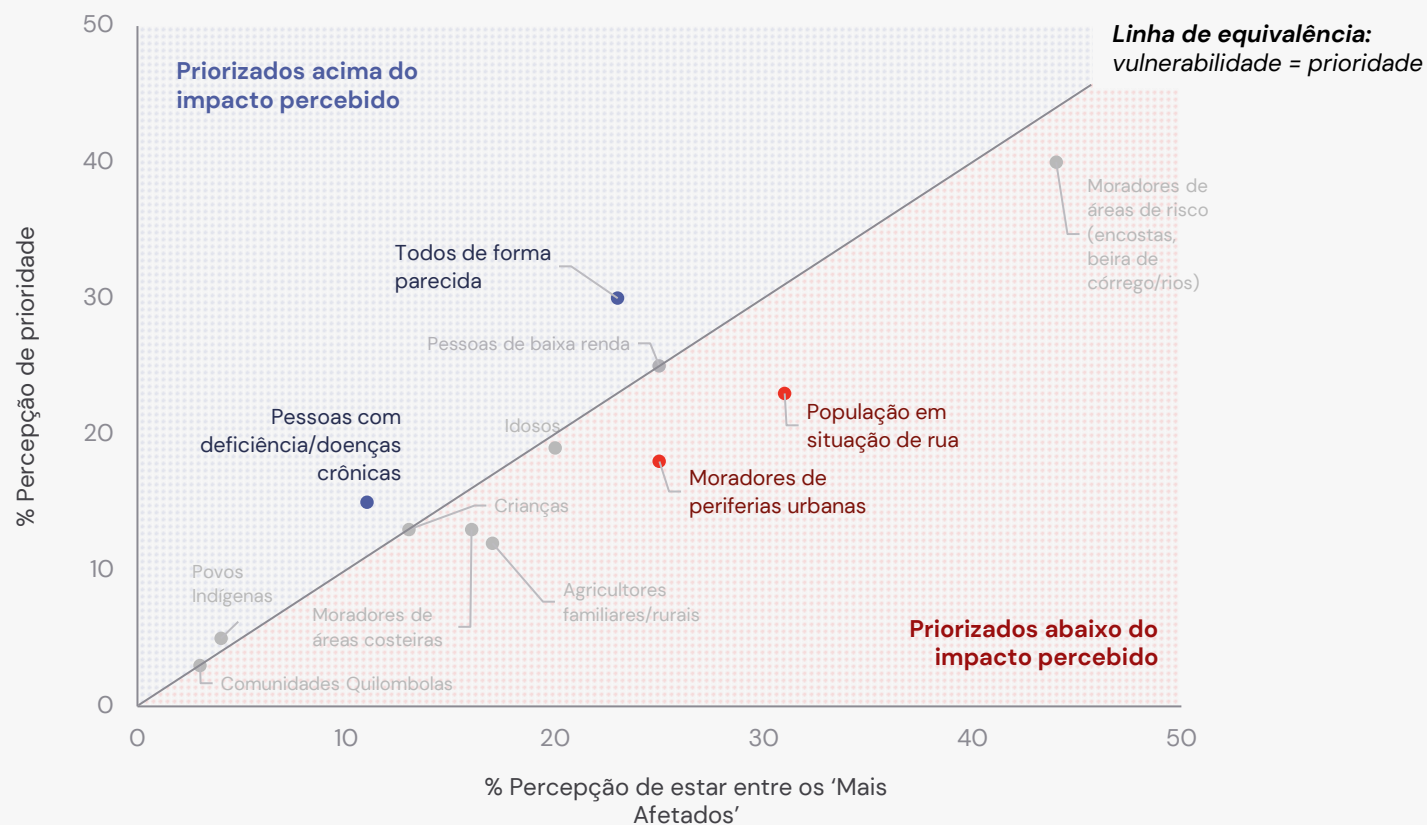
Eventos climáticos são percebidos como um risco desigual, que afeta sobretudo quem vive em maior vulnerabilidade territorial e social.

A percepção pública associa os impactos climáticos principalmente à vulnerabilidade territorial e socioeconômica, com destaque para moradores de áreas de risco e população em situação de rua. Fatores estruturais, como moradia e renda, pesam mais do que recortes demográficos isolados. Grupos como idosos e crianças aparecem em segundo plano. A baixa menção a populações tradicionais indica menor visibilidade desses impactos.

C1. Quem você considera que é mais afetado pelos eventos climáticos? Marque até 3. [MA]
| Base total: 1.000

Discrepância entre percepção de vulnerabilidade e percepção de prioridade

% de respostas



A percepção pública reconhece quem é mais afetado, mas não converte esse reconhecimento em prioridade proporcional de investimento

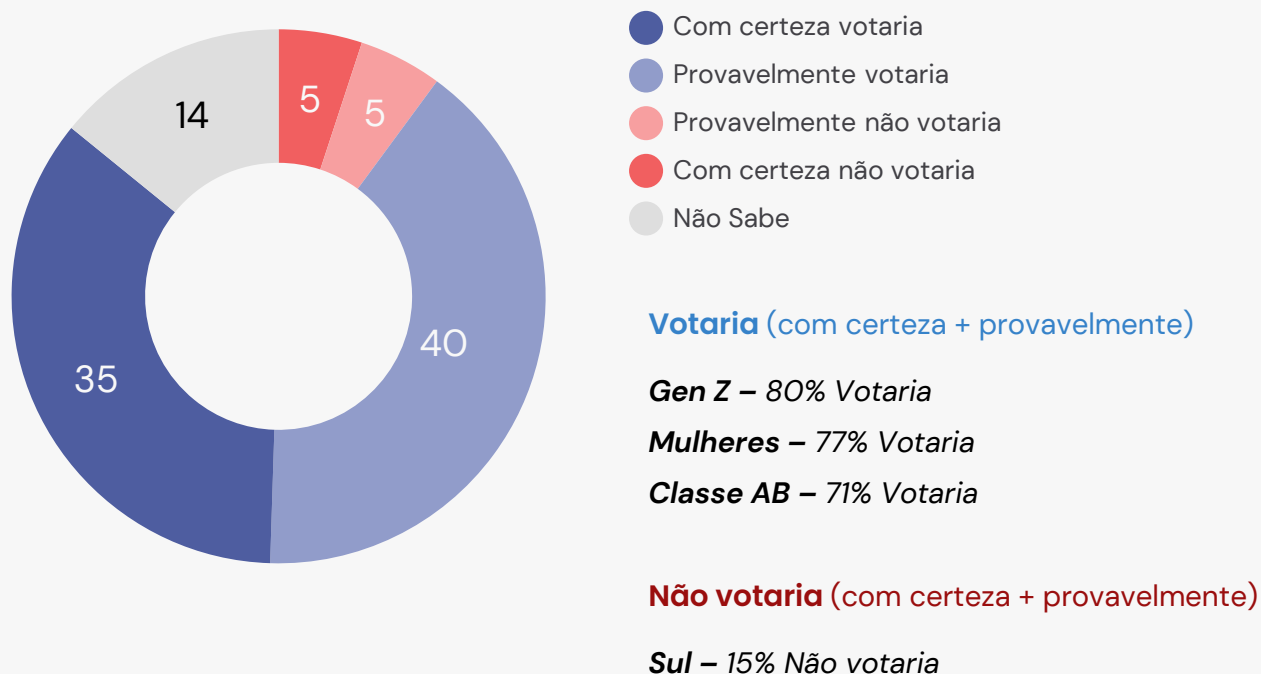
Embora haja correlação entre quem é percebido como mais afetado e quem deveria receber mais investimento, essa relação não é linear. Grupos como população em situação de rua e moradores de periferias urbanas são amplamente reconhecidos como vulneráveis, mas aparecem sistematicamente abaixo da linha de prioridade proporcional. Em contraste, categorias mais difusas — como “todos de forma parecida” e “pessoas de baixa renda” — tendem a ser priorizadas acima do impacto percebido. O resultado aponta para uma **lógica de investimento mais normativa e universalista** do que estritamente baseada na exposição ao risco climático.

Responsabilidade e em quem confiar?



Intenção de Voto em Candidato(a) com propostas claras de adaptação climática

% respostas



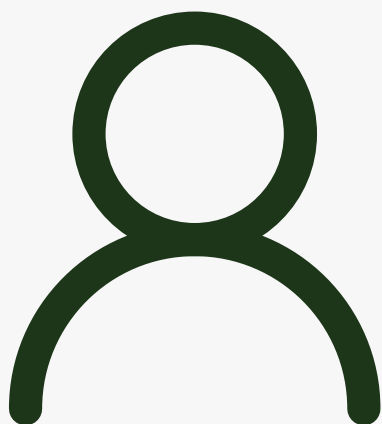
A adaptação climática amplia intenção de voto, com maior tração entre jovens, mulheres e classes altas

A disposição a votar em candidatos com propostas claras de adaptação climática é elevada no conjunto do eleitorado e se intensifica entre a Geração Z, mulheres e a classe AB, indicando maior ressonância em segmentos mais escolarizados e engajados. A rejeição permanece baixa e concentrada regionalmente, com destaque pontual no Sul. O padrão sugere que a adaptação funciona mais como fator de ampliação de apoio do que como elemento de polarização eleitoral.

VOT1. Pensando em uma próxima eleição, se houvesse um candidato(a) com propostas claras de adaptação climática (como obras de drenagem, redução de ilhas de calor e planos para lidar com enchentes e eventos extremos) qual seria a chance de você considerar votar nesse candidato(a)? | **Base total:** 1.000 entrevistas

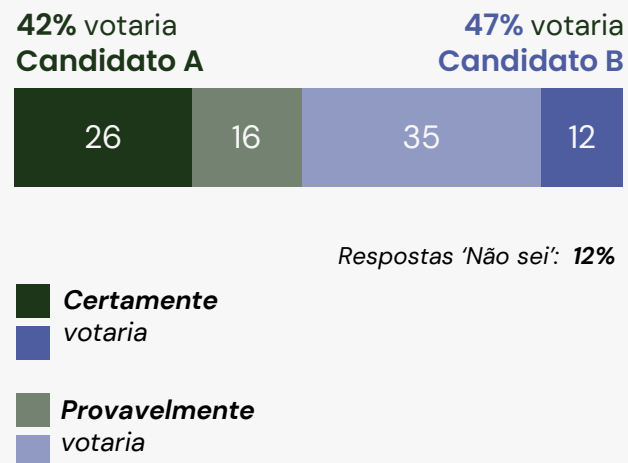
Intenção de voto em candidatos fictícios

% de respostas



Candidato A

Tem propostas para áreas como saúde, segurança e economia, mas **prioriza fortemente políticas de adaptação climática.**



Candidato B

Tem propostas para a adaptação climática, mas **prioriza fortemente a agenda da saúde, segurança e economia.**

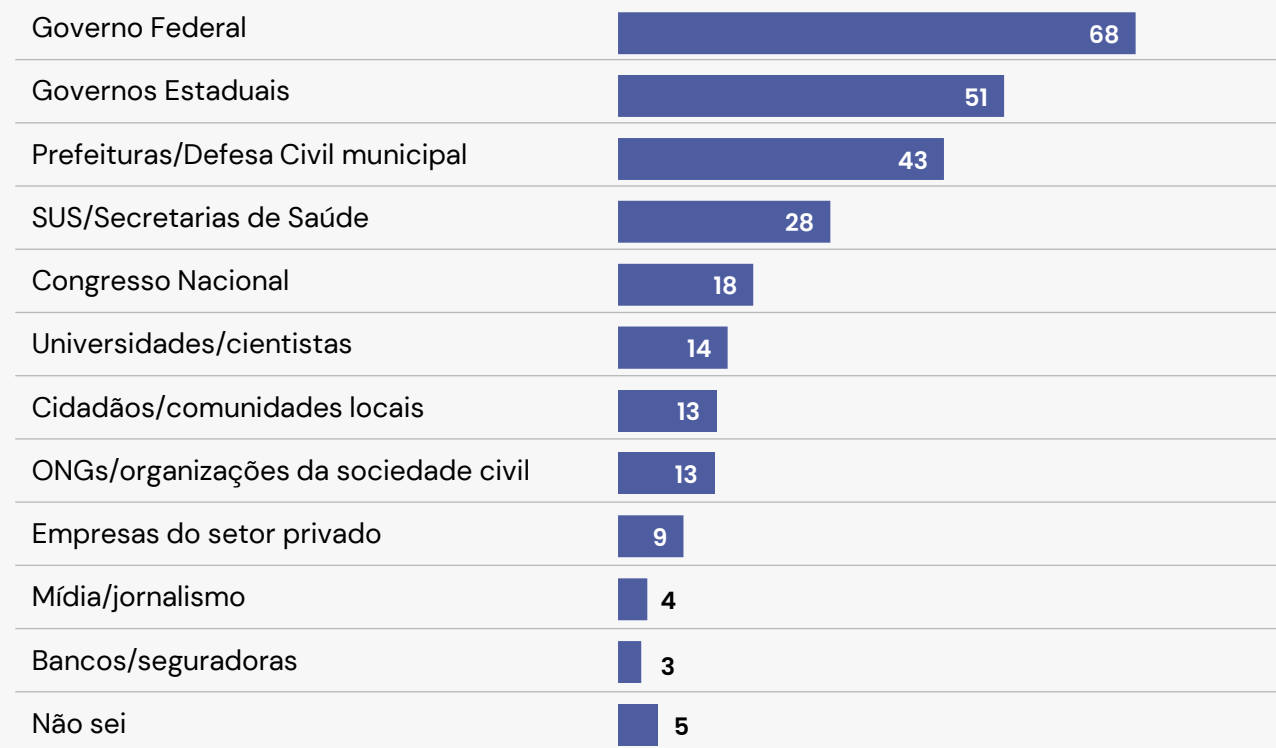
A adaptação climática constrói convicção, enquanto a agenda tradicional amplia persuasão eleitoral

Embora o Candidato B apresente uma ligeira maioria no volume total de intenções de voto, a proporção de votos de alta convicção se concentra no Candidato A. Ao reunir maior parcela de intenções cristalizadas (26% declaram que votariam certamente), o Candidato A constrói uma base mais consolidada e estável. Já o Candidato B, ancorado em saúde, segurança e economia, lidera entre os apoios prováveis, indicando maior capacidade de persuasão junto ao eleitorado ainda em disputa. Esse padrão sugere que a adaptação climática opera melhor como eixo estruturante de adesão, aprofundando convicção, quando articulada às agendas tradicionais, que seguem centrais para a ampliação de maioria eleitoral.

VOT2. Agora, pense em uma situação hipotética. Imagine dois candidatos igualmente honestos e competentes: |
Base total: 1.000

Responsabilidade pela liderança da adaptação climática no Brasil

% de respostas



D1. D1. Quem deveria liderar as ações de adaptação no Brasil? Marque até 3. [MA MAX 3 RESPONSES] | Base total: 1.000

A liderança da adaptação climática é atribuída majoritariamente ao poder público, com expectativa de coordenação multinível

A responsabilidade pela liderança da adaptação climática recai sobretudo sobre o Governo Federal (68%), seguida por governos estaduais (51%) e prefeituras/defesa civil (43%), indicando uma expectativa clara de coordenação pública entre níveis de governo. Atribuições a atores não estatais, como empresas, sociedade civil ou mídia, aparecem de forma residual, reforçando a percepção de que a adaptação é entendida como uma agenda de política pública, e não como responsabilidade difusa. O dado sugere que legitimidade e capacidade institucional são critérios centrais na definição de quem deve liderar a resposta aos riscos climáticos.

Atuação percebida na liderança da adaptação climática no Brasil

% de resposta única – Top 10 Respostas

 18 % Governo Federal	 16 % Nenhum desses	 15 % Não sabe
 11 % Organizações da Sociedade Civil	 10 % Prefeituras ou Defesa Civil Municipal	 7 % Governos Estaduais
 5 % Cidadãos e comunidades locais	 5 % Universidades e cientistas	 4 % SUS/Secretarias de Saúde
 3 % Empresas privadas		

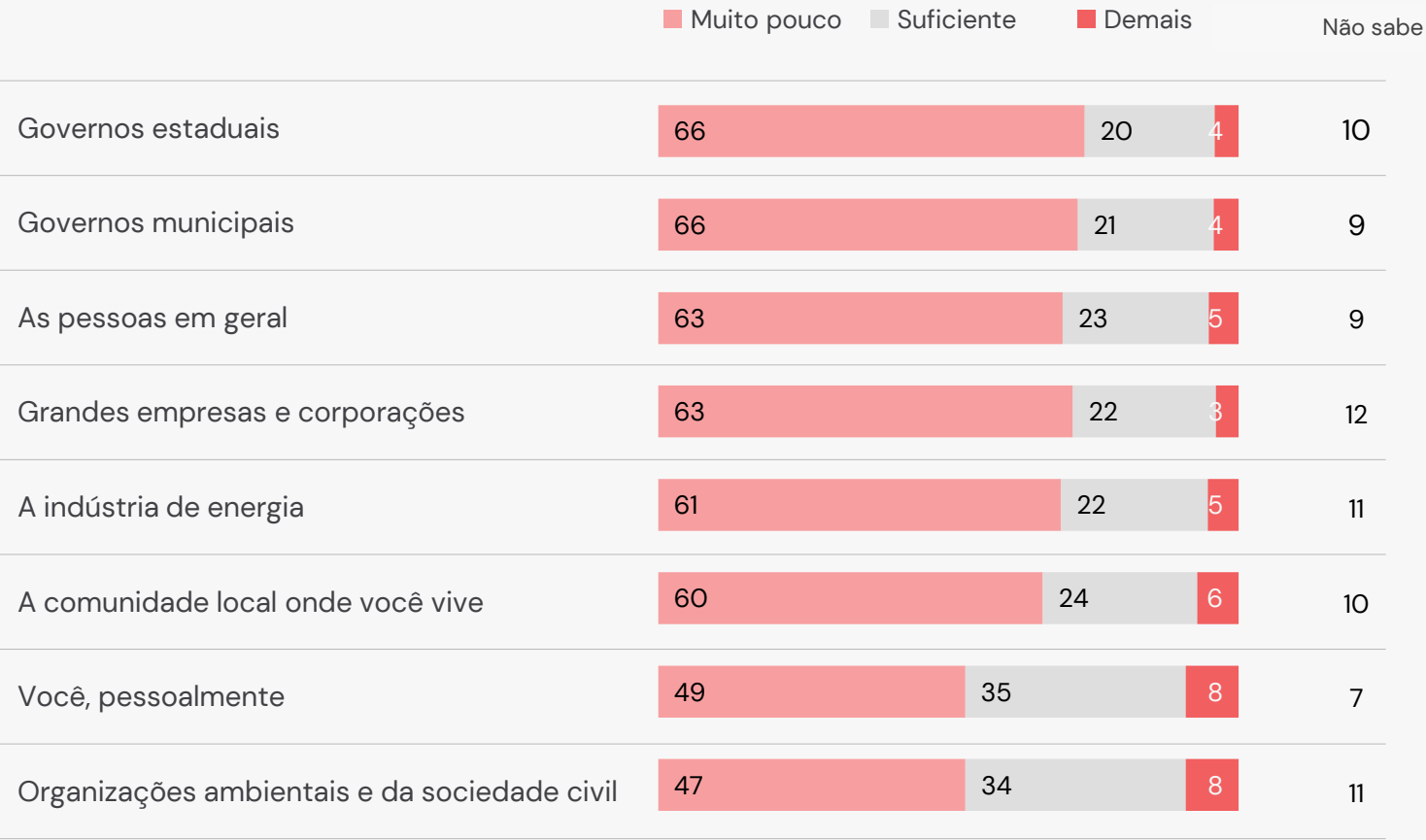
Há um déficit claro de liderança percebida na adaptação climática

Apesar da expectativa concentrada no poder público, nenhum ator se consolida como liderança efetiva na percepção da população: o Governo Federal aparece em primeiro lugar, mas com apenas 18%, enquanto “nenhum desses” (16%) e “não sabe” (15%) somam um terço das respostas. O resultado indica fragmentação e baixa visibilidade da ação pública, mais do que rejeição a atores específicos. O dado reforça que a adaptação climática é percebida como uma agenda sem liderança clara, abrindo espaço para reposicionamento institucional e político.

D2. E hoje, quem você acha que mais tem atuado em adaptação? | Base total: 1.000 entrevistas

Percepção de suficiência da atuação de atores públicos e privados na adaptação climática

% de respostas em escala



Predomina a percepção de insuficiência na resposta à adaptação climática

A maioria dos brasileiros das classes A, B e C avalia que governos estaduais e municipais fazem “muito pouco” para reduzir os impactos das mudanças climáticas (66% em ambos), justamente nos níveis onde os efeitos são mais tangíveis. Essa percepção negativa se estende a empresas, indústria, comunidades e indivíduos, indicando um problema sistêmico, e não restrito a um único ator. O resultado reforça o diagnóstico de déficit de ação percebida, contribuindo para a ausência de lideranças claras e abrindo espaço para quem conseguir demonstrar execução concreta e coordenação.

D3. Na sua opinião, cada um dos grupos abaixo está fazendo pouco, o suficiente ou demais para reduzir os impactos das mudanças climáticas? | Base total: 1.000

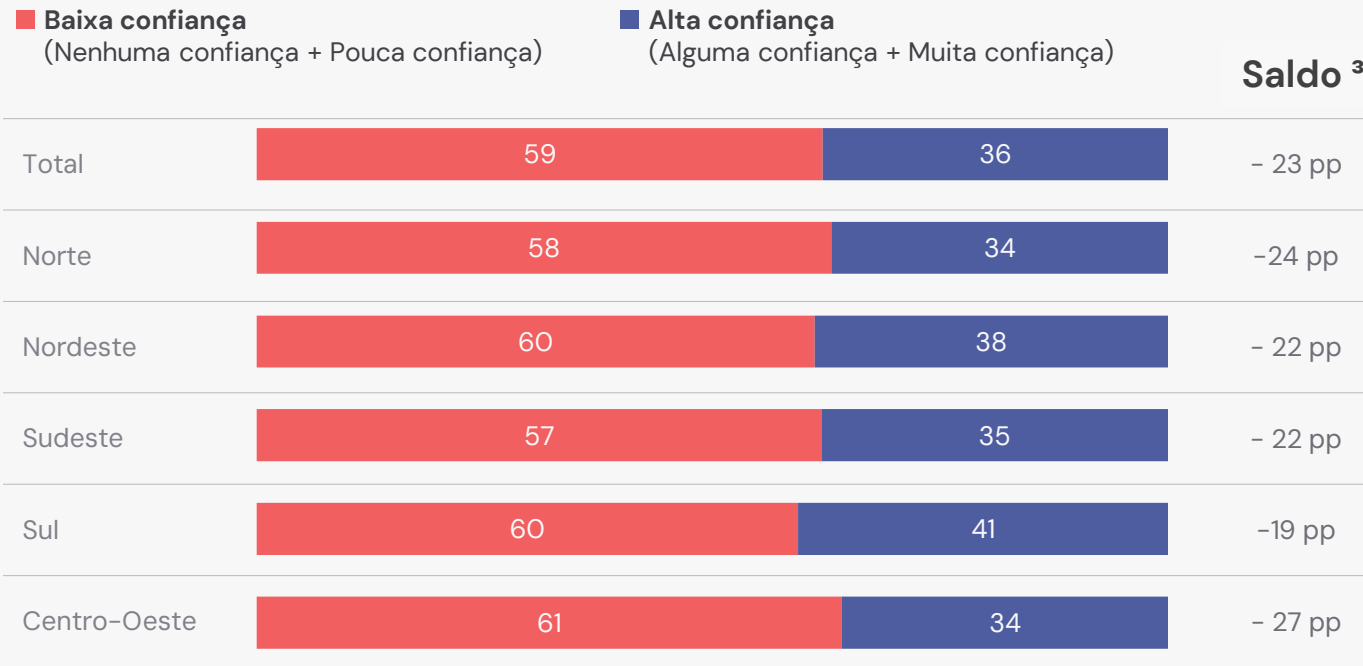
Prefeituras são vistas como pouco preparadas para enfrentar eventos climáticos

Em todas as regiões, a percepção de baixa confiança supera a de alta confiança na capacidade dos municípios de se prepararem para eventos climáticos, com saldo negativo nacional de -23 p.p. Mesmo no Sul, onde a avaliação é relativamente menos crítica, a desconfiança ainda predomina.

O déficit de confiança no nível local pode fragilizar a legitimidade das respostas municipais e tende a deslocar a expectativa de liderança para outras esferas de governo ou atores, ampliando o risco de desalinhamento entre quem é mais cobrado e quem é percebido como capaz de agir.

Percepção de confiança na capacidade das prefeituras para preparação frente a eventos climáticos

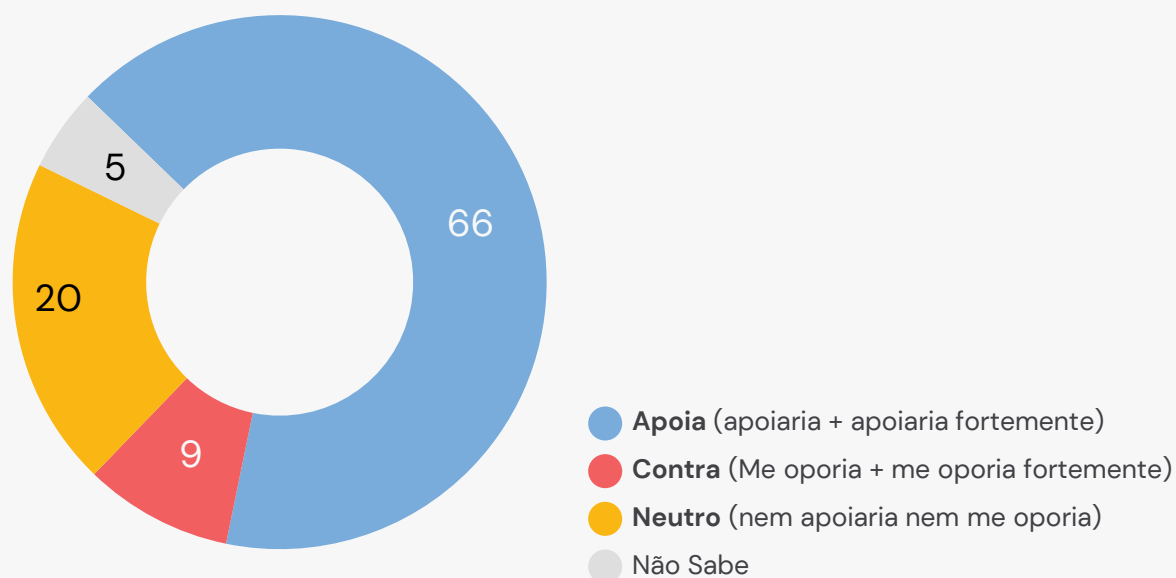
% de respostas



D4. Quanta confiança você tem de que sua prefeitura/município vai se preparar melhor para eventos climáticos nos próximos 2 anos? [SA] | Base total: 1.000 entrevistas

Intensidade de Apoio a Medidas de Adaptação

% respostas



Apoio à adaptação climática é majoritário, mesmo com custos no curto prazo

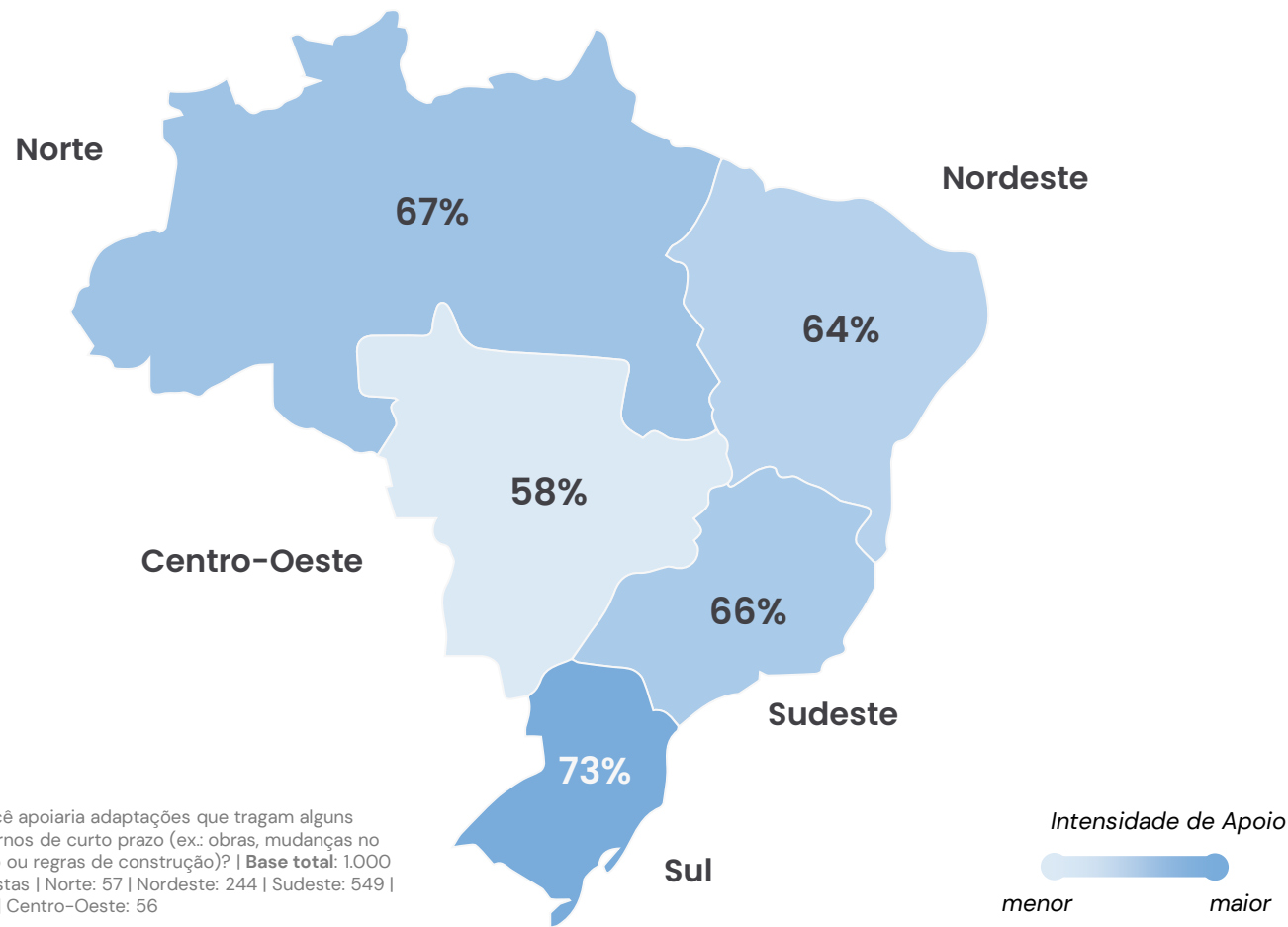
Dois terços da população declaram apoiar medidas de adaptação, mesmo quando envolvem transtornos imediatos, enquanto a oposição se mantém residual (9%). O grupo neutro ainda representa 20%, indicando espaço para disputa narrativa sobre custos e benefícios. Esse resultado sugere que o principal desafio não é resistência social, mas a capacidade de implementação e comunicação clara dos ganhos concretos dessas medidas no cotidiano das pessoas.

D5. Você apoiaria adaptações que tragam alguns transtornos de curto prazo (ex.: obras, mudanças no trânsito ou regras de construção)? | **Base total:** 1.000 entrevistas

Intensidade de Apoio por Macrorregião brasileira

% respostas 'apoia'

Cores mais escuras indicam maior apoio a medidas de adaptação que tragam alguns transtornos no curto prazo



Apoio à adaptação climática é elevado e consistente entre as regiões

O apoio a medidas de adaptação permanece majoritário em todas as macrorregiões, variando de 58% no Centro-Oeste a 73% no Sul. Mesmo nas regiões com menor intensidade relativa, a maioria da população se posiciona favoravelmente, indicando baixo risco de rejeição territorial às medidas. Essa homogeneidade regional sugere que eventuais resistências à adaptação tendem a ser mais políticas ou institucionais do que sociais ou culturais.

Soluções e apoio a políticas públicas

Ações de prioridade máxima na cidade de residência

% de respostas

abc = Indica macrorregiões onde a ação apresenta percentual significativamente superior à média nacional.



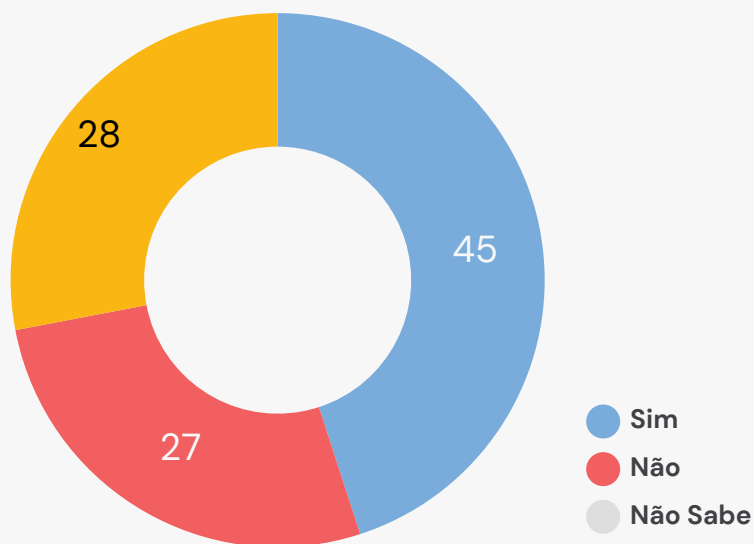
Enchentes lideram a agenda local de adaptação, com nuances regionais claras.

Obras de drenagem concentram a maior prioridade em todas as macrorregiões, com destaque estatisticamente maior no Sul, refletindo a recorrência recente de temporais e eventos extremos com fortes impactos urbanos. Outras ações ganham maior relevância conforme o contexto regional: no Sudeste, sobressaem áreas verdes e mecanismos de proteção financeira; no Nordeste, a requalificação de moradias em áreas de risco; e, no Norte, a demanda por infraestrutura de sombra e respiro urbano, indicando vulnerabilidades climáticas distintas.

E2. Quais dessas ações deveriam ser prioridade máxima na sua cidade? Marque até 2. | Base total: 1.000

Disposição a contribuir mais mediante garantias de transparência no uso dos recursos

% respostas



Transparência destrava o potencial de contribuição financeira da população

Quase metade dos brasileiros das classes A, B e C afirma que estaria disposta a contribuir com um valor maior para ações de adaptação climática caso houvesse garantias claras de transparência no uso dos recursos. Ao mesmo tempo, a divisão entre os que não aumentariam a contribuição e os que permanecem indecisos revela que a resistência não é apenas financeira, mas institucional. Isso indica que mecanismos claros de prestação de contas podem ampliar a base de financiamento sem depender exclusivamente de novos impostos ou aumentos compulsórios.

E3b. Se houvesse garantias claras de transparência e uso dos recursos, você diria que estaria disposto(a) a contribuir um valor maior do que o indicado acima? [SA] | Base total: 1.000 entrevistas

Nível de apoio à exigência de padrões de adaptação climática em obras e construções

% respostas

63 %

Apoiam

(apoia + apoia fortemente)

Exigência em novas construções, **mesmo que gere mais custos**

76 %

Concordam

(totalmente ou em partes)

Que obras financiadas com recursos públicos devem obrigatoriamente considerar padrões de adaptação climática.



A concordância é alta na maioria dos grupos sociodemográficos. Apenas a **Geração Z** e os respondentes com escolaridade até o **ensino fundamental** apresentam níveis estatisticamente mais baixos. Ainda assim, a concordância permanece elevada: 71% entre a geração mais jovem e 58% entre os respondentes de menor escolaridade.

Exigência de padrões de adaptação já é socialmente legitimada, mesmo com aumento de custos

A maioria dos brasileiros das classes A, B e C apoia a exigência de padrões de adaptação climática em novas construções, inclusive quando isso implica custos adicionais, e esse apoio se amplia quando o foco são obras financiadas com recursos públicos. O dado indica que a adaptação já é percebida menos como “custo extra” e mais como critério mínimo de qualidade e responsabilidade no uso do dinheiro do contribuinte. Isso cria espaço político para avançar em marcos regulatórios mais exigentes sem enfrentar resistência social significativa.

E4. Você apoiaria ou seria contrário à exigência de que novas construções sigam padrões de adaptação às mudanças climáticas (ex.: drenagem, sombreamento, materiais, afastamento de risco, mesmo que isso aumente o custo inicial das obras? [SA] | E5. Pensando especificamente em obras financiadas com recursos públicos (ou seja, com dinheiro do contribuinte), o quanto você concorda ou discorda que essas obras deveriam obrigatoriamente considerar padrões de adaptação às mudanças climáticas? [SA] | **Base total:** 1.000 entrevistas

Barreiras, Mensagens e Engajamento



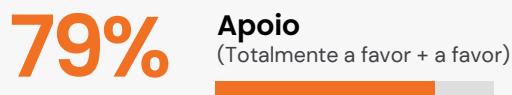
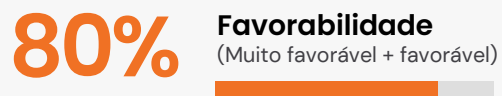
TESTE DE MENSAGEM

Como a linguagem afeta a aceitação



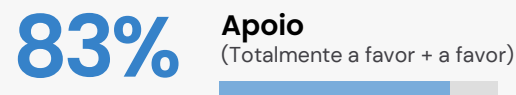
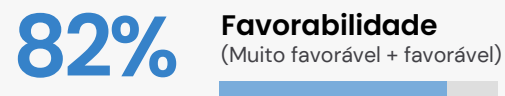
Mensagem A

Menção Explícita às Mudanças Climáticas: 'O governo propõe um programa para adaptar o SUS à mudança do clima (...)'



Mensagem B

Linguagem mais universalista: 'O governo propõe um programa para modernizar e tornar mais resiliente o SUS (...)'



Linguagem mais universalista apresenta desempenho ligeiramente superior, ainda que sem diferenças estatisticamente significativas

Ambas as mensagens apresentam níveis elevados e muito próximos de favorabilidade, apoio e percepção de prioridade, sem diferenças estatisticamente significativas entre si. Ainda assim, observa-se uma tendência consistente de melhor desempenho da mensagem com linguagem mais universalista, especialmente em apoio declarado e priorização.

VOT_1. Em geral, qual é sua opinião sobre essa proposta?. | VOT_2. O quanto você é a favor ou contra que o governo invista recursos nessa proposta? | VOT_3. Considerando todas as prioridades do governo, qual deveria ser o nível de prioridade dessa proposta? | Base 'avaliou Mensagem A': 505; Base 'avaliou Mensagem B': 495.

Nota: As mensagens foram testadas por meio de um experimento de exposição entre grupos independentes. Cada respondente teve contato com apenas uma versão da mensagem: a Mensagem A, com menção explícita às mudanças climáticas, ou a Mensagem B, com linguagem mais universalista, focada em modernização e resiliência do SUS. A comparação dos resultados reflete, portanto, diferenças entre duas amostras distintas, permitindo observar variações indicativas nos níveis de favorabilidade, apoio e percepção de prioridade, sem exposição cruzada entre mensagens

Principais barreiras em relação ao envolvimento com ações de mudanças climáticas

% de respostas



Confiança e clareza, mais do que engajamento, travam o avanço da adaptação

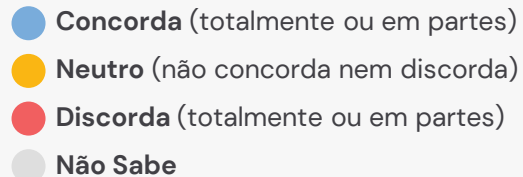
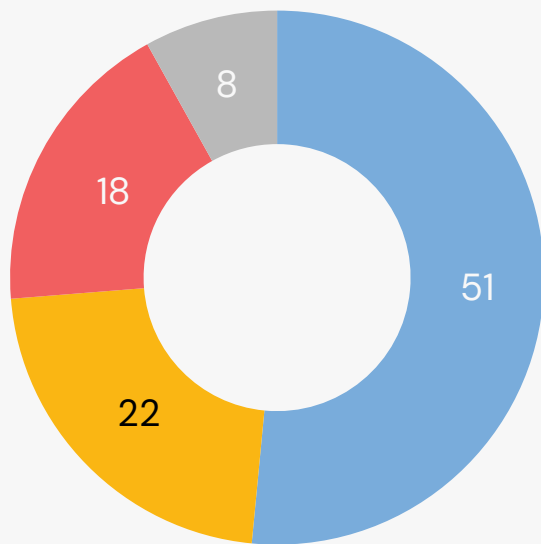
A principal barreira percebida é a desconfiança no uso do dinheiro público, seguida pela falta de recursos e de informação clara sobre como agir. Isso sugere que o entrave não está na rejeição à agenda, mas na credibilidade da implementação e na ausência de orientações práticas. Avançar em adaptação passa menos por convencer a população e mais por garantir transparência, comunicação objetiva e governança confiável.

F1. Quais fatores mais dificultam, para você, apoiar ou se envolver em ações de adaptação às mudanças climáticas? Selecione até três opções. [MA MAX 3 RESPONSES] | Base total: 1.000

Percepção sobre o impacto real da COP-30

% respostas

"As decisões tomadas na COP 30 terão um **impacto real e prático** no combate às mudanças climáticas."



Otimistas (mais concordam com frase)

Gen Z – 57% Concordam

Nordeste – 61% Concordam

Classe AB – 57% Concordam

Pessimistas (mais discordam da frase)

Sul – 26% Discordam

Homens – 24% Discordam

A COP-30 gera expectativa de impacto, mas não consenso pleno

Metade da população acredita que as decisões da COP-30 terão impacto real e prático, enquanto 22% permanecem neutros e quase um quinto expressa ceticismo. O otimismo é mais forte entre jovens, Nordeste e classes AB, ao passo que a desconfiança se concentra entre homens e no Sul. Esse padrão indica que a COP é percebida como uma oportunidade concreta, mas sua legitimidade dependerá da capacidade de traduzir compromissos internacionais em resultados visíveis e territorializados.

E3b. Se houvesse garantias claras de transparência e uso dos recursos, você diria que estaria disposto(a) a contribuir um valor maior do que o indicado acima? [SA] | Base total: 1.000 entrevistas

Mensagens sobre adaptação climática mais convincentes

% de respostas T2B (Totalmente convincente + Muito convincente)



Mensagens pragmáticas e orientadas a benefícios imediatos são as mais persuasivas

Narrativas que conectam adaptação climática a economia, qualidade de vida e saúde concentram os maiores níveis de convencimento, superando abordagens mais abstratas ou estruturais. O dado indica que a adaptação ganha força quando é apresentada como proteção do cotidiano — custos evitados, bem-estar urbano e segurança — e não apenas como resposta a um risco climático futuro. Para engajar mais amplamente, a comunicação precisa traduzir adaptação em ganhos tangíveis e próximos da experiência das pessoas.

Sentimentos e Emoções Despertados sobre Mudanças climáticas

% de respostas



F3. Pensando nas notícias e informações que você tem visto recentemente sobre mudanças climáticas, quais sentimentos isso desperta em você? | Base total: 1.000

O debate climático é percebido como relevante, mas emocionalmente desgastante e pouco acionável.

Predominam tristeza, ansiedade e frustração política, enquanto motivação e otimismo seguem em patamar secundário, revelando um hiato entre consciência e ação. O cenário sugere a necessidade de reorganizar o debate em torno de clareza, legitimidade e soluções percebidas como eficazes, reduzindo o ruído que hoje limita o engajamento.

Destaques sociodemográficos

Grupos com destaques estatisticamente significativos vs. total respostas



Geração Z

Nascidos entre 1996 e 2012

A Geração Z combina alto nível de ansiedade (35% vs. 30% total amostra) com maior disposição para agir (23% vs. 18%), revelando um público emocionalmente ativado e potencialmente mobilizável.

Insight: Esse é o público com maior potencial de engajamento ativo, mas também mais vulnerável à frustração. Estratégias devem oferecer canais claros de participação, resultados tangíveis e narrativas de eficácia. A ausência de respostas institucionais visíveis pode rapidamente converter motivação em descrença.



Boomers

Nascidos antes de 1965

Os Boomers demonstram uma relação mais cética e distanciada com a agenda climática, marcada por desconfiança em relação aos mensageiros (27% desconfiam vs. 12% da Gen Z) e maior frustração com a discordância política em torno do tema (39% vs. 28%).

Insight: Estratégias de comunicação devem priorizar fontes institucionais sólidas, histórico técnico e continuidade de políticas, evitando rupturas discursivas associadas a modismos. A adaptação climática pode ser comunicada como legado, preservação e responsabilidade intergeracional, reduzindo a sensação de impotência e ceticismo.



Centro-Oeste

O Centro-Oeste apresenta o maior nível de desconfiança em relação aos defensores da agenda climática (31% vs. 17% na média nacional), sinalizando tensão entre discurso ambiental e interesses produtivos locais.

Insight: Neste território, o desafio é reposicionar a adaptação climática como aliada da produção e da segurança econômica. Estratégias devem envolver atores locais, linguagem técnica e evidências de compatibilidade entre adaptação, desenvolvimento e competitividade, reduzindo a percepção de antagonismo entre clima e atividade produtiva.



Homens e Mulheres

Homens e mulheres se conectam à agenda climática por chaves distintas: mulheres tendem a perceber o tema como risco futuro e insegurança (35% ansiosas vs. 24% dos homens), enquanto homens o leem mais pela lente da polarização política (35% vs. 25%) e da desconfiança em relação aos atores envolvidos (20% vs. 14%).

Insight: Uma abordagem única tende a ser ineficaz. Mulheres respondem melhor a narrativas de proteção e redução de riscos futuros, enquanto homens demandam mensagens menos polarizadas e com maior legitimidade técnica. A adaptação climática pode atuar como eixo comum ao combinar cuidado com pragmatismo.

Ações que estão dispostos a realizar nos próximos 3 meses

% de respostas



A disposição existe, mas se concentra em ações simples e de baixo custo

As ações mais mencionadas envolvem baixo esforço individual e dependem de informação, organização pública ou cobrança ao poder local, como cadastro em alertas oficiais e demandas à prefeitura.

Iniciativas que exigem coordenação comunitária, investimento financeiro ou intervenção na própria casa mobilizam bem menos pessoas. O dado indica que transformar intenção em ação passa por reduzir barreiras práticas e estruturar caminhos claros para engajamento imediato.

F5. Qual ou quais ação(ões) você estaria disposto(a) a fazer nos próximos 3 meses? Selecione até duas opções. [MA MAX 2 RESPONSES] | Base total: 1.000

Conclusões e Recomendações

1

A adaptação climática é socialmente legítima, mas ainda não opera como prioridade concreta.

A sociedade reconhece que a mudança climática já impacta o cotidiano e entende que adaptar “ainda vale a pena”, mas esse entendimento não se traduz em senso compartilhado de urgência. Predomina a sensação de que há tempo, o que afasta a resignação, mas também posterga decisões difíceis. Jovens mostram maior ativação emocional, mas também uma resignação perante ao tema, enquanto outros públicos operam em regime de espera.

Insight: o desafio não é convencer sobre a relevância da adaptação, mas deslocá-la do campo do “importante em tese” para o da prioridade prática.

2

O principal gargalo não é apoio social, mas confiança na capacidade de execução.

Há forte aceitação a políticas de adaptação (inclusive quando envolvem custos, obras ou mudanças urbanas), mas a percepção dominante é de que governos, empresas e a sociedade estão fazendo pouco. A expectativa de liderança recai fortemente sobre o poder público, ao mesmo tempo em que nenhum ator é percebido como liderando de fato. A desconfiança no uso de recursos públicos aparece como a principal barreira ao engajamento.



3

O debate climático é emocionalmente carregado, mas pouco acionável.

Tristeza, ansiedade e frustração política estruturam a relação da sociedade com o tema, enquanto motivação e otimismo permanecem secundários. Esse clima emocional varia por perfil: jovens combinam ansiedade e disposição para agir; Boomers e homens expressam mais ceticismo e frustração com a politização; mulheres internalizam o risco futuro com mais intensidade. Em comum, há dificuldade de converter preocupação em ação concreta. Avançar em adaptação exige reorganizar o debate em torno de clareza, legitimidade e eficácia percebida, reduzindo o ruído político que paralisa a ação.

4

A adaptação ganha força quando é traduzida como proteção do cotidiano e não como discurso climático abstrato.

Mensagens associadas a saúde, economia doméstica, qualidade de vida urbana e prevenção de perdas são consistentemente mais convincentes do que narrativas técnicas ou excessivamente conceituais. O mesmo padrão aparece na aceitação de políticas: adaptação é mais bem recebida quando apresentada como critério básico de boa gestão pública e infraestrutura, e não como “agenda ambiental” isolada. O potencial da adaptação está em funcionar como linguagem comum entre clima, políticas públicas e vida real, especialmente em um contexto de baixa confiança e alta polarização.

obrigado!

Ipsos Public Affairs Brasil

25-101247 – PA Adaptações Climáticas

janeiro 2026